

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

05. LIBERMANN E LE VAVASSEUR, FIÉIS CO-FUNDADORES, Ao P. Le Vavasseur

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 05. LIBERMANN E LE VAVASSEUR, FIÉIS CO-FUNDADORES, Ao P. Le Vavasseur.
Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/105>

This VI is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

5. LIBERMANN E LE VAVASSEUR, FIÉIS CO-FUNDADORES

Ao P. Le Vavasseeur ²⁹⁹

A “terrível borrasca” de 1845 ou “terrível tentação” do P. Le Vavasseeur, no dizer de Libermann,³⁰⁰ amainara finalmente. Libermann começa a escrever-lhe esta carta a 27 de Abril de 1847 e termina-a a 3 de Maio. Ela mostra-nos as relações privilegiadas que uniam Libermann e Le Vavasseeur apesar das “trovoadas” deste último. “[...] você é a pessoa a quem estou mais profundamente ligado [...]”. Agora Libermann queria fazê-lo regressar a França para trabalhar a seu lado: “[...] sempre me pareceu que Deus quer que trabalhemos juntos [...]”. Não é somente a obediência que Libermann exige, mas a mais perfeita adesão do coração. “Não basta a obediência cega; o que é preciso ter é a união perfeita, plena, total [...].”

Ficamos também a saber que a missão da Austrália fracassou: “Os nossos pobres confrades tiveram muito que sofrer [...]”. Refere-se também à questão da Congregação do Espírito Santo. Depois da eleição do P. Leguay³⁰¹, a 29 de Abril de 1845, parecia perdida toda a esperança de união; no entanto, Libermann segue de perto a evolução desta Congregação. Transcrevemos esta carta integralmente.

Amiens, 27 de Abril de 1847.

Caríssimo confrade,

Há muito tempo que ando para lhe escrever; não sei muito bem o que é que me levou a não pôr em prática até hoje esse meu desejo. Deve ter o seu coração acabrunhado e a precisar de algumas palavras de paz. Tenha a certeza de que não guardo no coração a mais pequena mágoa por tudo o que se passou, mas, bem pelo contrário, sinto uma enorme alegria e consolação desde que recebi de si a primeira notícia sobre a mudança que a divina Bondade quis operar em sua alma. Muitas vezes me senti angustiado com o pensamento de que a minha penúltima carta, por ter chegado já depois de toda essa mudança,

²⁹⁹ ND IX, pg. 128-135.

³⁰⁰ ND VIII, pg. 28-36.

³⁰¹ Cf. índice onomástico.

Congregação do Espírito Santo

o deve ter feito sofrer; mas quando reflito no que lhe dizia nessa carta, acho que ela não o deve afligir demasiado, porque tudo o que ela contém o ajudará a compreender que toda essa terrível borrasca sempre a considerei apenas como uma violenta tentação, e que nunca estive indisposto consigo, sentindo, isso sim, o coração oprimido por um grande peso sob o qual, no entanto, Deus nunca permitiu que eu sucumbisse.

Estou convencido que esta tribulação foi útil a nós dois. Precisávamos dela e Deus a fará reverter para sua glória. Que ela foi útil para si é fácil de ver: as lições que tira dela e a força que lhe há de vir do seu fim feliz, terão como resultado, assim o espero, a glória de Deus e a santificação de sua alma. Pode ter cometido algumas faltas mais ou menos desagradáveis a Deus, mas até elas podem ser benéficas à sua alma. Ainda que com esta dura tribulação tivesse conseguido só a desconfiança de si próprio, a consciência da sua fraqueza, o conhecimento dos seus defeitos, isso seria já um bem imenso, mas espero bem que a bondade do Sagrado Coração de nossa boa Mãe não se ficará por aí: decerto que ela já o reconfortou muito; e agora a sua alma vai fortalecer-se cada vez mais no caminho de Deus; pela graça divina, há de adquirir a mansidão, a força, a constância no serviço de Deus, a humildade verdadeira, a confiança e o abandono em Jesus e Maria, o gosto de apoiar os outros, a caridade sincera para com o próximo, e talvez ainda outras graças e virtudes que a divina misericórdia tem destinadas para si desde toda a eternidade.

Quanto a mim, precisava de passar por esta aflição. Já há algum tempo que a nossa grande missão da Guiné ganhava novos contornos; novas graças nos estavam reservadas; aqui, em França, as bênçãos de Deus aumentavam; havia o risco de que esta súbita prosperidade me fizesse mal; era necessário um contrapeso para manter o equilíbrio. A mão de Deus pôs este contrapeso em minha alma. Ele era tanto mais pesado (posso dizê-lo com toda a verdade) quanto você é, entre todos os confrades, aquele que me dava mais alegria e consolação trazer ao pensamento e lembrar, por ser aquele a quem estou mais profundamente ligado; era consigo que sentia a mais urgente necessidade de falar com a maior abertura de coração.

Gostaria de conversar consigo a cada passo, sobre todas as minhas diligências, todas as nossas dificuldades e todas as nossas alegrias; queria que em qualquer circunstância nada se fizesse sem uma perfeita comunicação de

Antologia Espiritana

nossas almas, sem que ambos estivéssemos de acordo: queria que fôssemos apenas um só coração e uma só alma na caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santa Mãe; e era precisamente nisto que Deus me reservava esta surpresa. Quebrou-nos como juncos. Mas, vejo que a sua divina misericórdia está conosco; e foi o santíssimo e amável Coração de nossa boa Mãe que manteve sobre nós esta proteção de Deus. Creio e espero firmemente que o tempo da provação já tenha passado; a Bondade divina não nos abandonará. Daqui em diante vamos estar para sempre unidos na graça e na caridade do divino Mestre; e ajudados com a sua luz e o seu amor, vamos orientar a nossa obra segundo os seus desígnios de misericórdia; não a nossa obra, mas sim a sua e a de sua divina Mãe.

Juntos, estaremos perfeitamente unidos; procuraremos tornar-nos mais fiéis à sua voz, a fim de assentarmos as bases fundamentais da obra de Deus. Ele uniu-nos para a fundar, e quem vai separar o que Deus uniu? Até agora ainda não estávamos preparados para que a divina caridade pudesse unir-nos perfeitamente; os nossos espíritos não estavam suficientemente disponíveis para que o espírito de Deus nos pudesse reunir perfeitamente para nos esclarecer com as suas luzes e nos levar a uma perfeita convergência de perspectivas; nem sequer a obra estava amadurecida a ponto de haver necessidade de que a graça e a benevolência de Deus nos reunissem perfeitamente, servindo-se de nós dois como dum só, para dar forma à obra do Coração de sua santa Mãe, segundo os seus desígnios divinos. Esse tempo está a chegar, as coisas estão a ficar mais claras; está na altura de se conseguir esta união perfeita, e a divina Providência não se faz rogada. Nem imagina a alegria que sinto ao ver esta maneira de agir do nosso Deus de bondade, que reúne os nossos espíritos e os nossos corações para a realização de seus desígnios precisamente no momento certo.

Sinto que vai ser preciso estarmos juntos para conversarmos com calma, na intimidade, na humildade, na paz e na caridade de Jesus Cristo, acerca de tudo o que é objeto da nossa solicitude em vista da consolidação desta obra de Deus. Temos de estar de acordo sobre os princípios fundamentais, tirar deles as conclusões práticas, aplicá-las às circunstâncias em que se terá de mover a nossa Sociedade; é necessário modelar o seu espírito, organizar a sua administração e consolidar a sua existência. Quantas coisas a fazer! Quantas ideias a partilhar!

Congregação do Espírito Santo

Sinto também que o tempo de determinar uma forma estável e absoluta ainda não chegou de todo, mas seria preciso começar a prepará-lo, a juntar os materiais. Para isso teríamos de estar juntos; parece-me, sempre me quis parecer que está nos desígnios de Deus que façamos as coisas juntos; que nos deixemos conduzir só de acordo com espírito de Deus, espírito de prudência e de sabedoria. Para isso é necessário que a nossa união seja perfeita; e assim unidos, formando um só coração e uma só alma, animados e dirigidos pelo espírito de luz e de caridade, haveremos de orientar a nossa obra para o fim que Deus se propôs ao unir-nos e modelá-la de acordo com as determinações da sua divina vontade.

Portanto, veja e examine-se na presença de Deus; veja se está já preparado para que esta união perfeita possa existir entre nós; veja se podemos ser instrumentos fiéis nas suas mãos. Nesse caso, espero que a divina Bondade o traga para aqui, para junto de nós. Viveremos juntos, ao menos durante um pouquinho de tempo, ou melhor, o tempo necessário para o que temos a fazer; e, com a ajuda de Deus e a proteção da nossa tão amável Mãe, tornar-nos-emos fiéis às divinas inspirações para formar uma obra segundo o seu Coração.

Responda-me quanto antes. Vou guardar aqui de reserva um dos nossos excelentes padres, o P. Boulanger, que poderá ir substituí-lo ao menos durante um tempo razoável. Compreendo que não tenha experiência das colônias e que, por conseguinte não dirija as coisas tão bem como você, mas é um padre com uma certa idade, uma quarentena de anos, sério, alegre, amável, piedoso, educado; tem facilidade para pregar; está habituado a lidar com as pessoas; tem experiência em ministério pastoral e em matéria de administração eclesíástica, tendo sido durante muito tempo pároco, e durante três anos pároco numa sede de concelho.

Não me diga: “Estou pronto a fazer tudo o que me ordenar”. O que lhe peço é o sentimento do seu coração. Não basta ter a obediência cega; é a união perfeita, plena, total, que é necessário para que Deus se sirva de nós os dois como dum só para construir a sua obra. Que não haja preconceitos, nem antipatias; tem de haver um só coração e uma só alma; de outro modo, eu teria de concluir que o momento de Deus ainda não chegou. Nesse caso, seria preciso esperar ainda; mas estou convencido que esse momento de Deus está a chegar, se é que ainda não chegou.

Antologia Espiritana

Se, portanto, nos damos conta de que é chegado o momento de Deus e se não vê inconvenientes em que o P. Boulanger o substitua, diga-mo quanto antes. Nesse caso ele partirá no primeiro navio, de modo que você possa estar aqui para o verão de 1848. Não gostaria de vê-lo chegar no começo do inverno, nem em nenhuma altura de frio, com medo que lhe faça mal.

Dir-lhe-ei ainda que seria prudente enviar-me uns mil francos, por recear que o Governo não queira conceder a passagem ao P. Boulanger. Se depois a passagem for concedida, ele poderá levar de volta esse dinheiro para a Missão de Bourbon.

3 de Maio – Há alguns dias escrevi ao Ministério para obter uma passagem. Se eu os vir bem dispostos, se concederem facilmente os vencimentos para os PP. Jerónimo Schwindenhammer, Thévaux e Thiersé, nesse caso talvez lhe envie imediatamente o P. Boulanger, a fim de que o possa ajudar a inserir-se, antes de vir para aqui.

Tínhamos vontade de substituir a Missão da Austrália pela dos Cafres. Precisamos duma missão de clima saudável, para onde se possa enviar os missionários cuja compleição não suporte o clima da Guiné, senão que faremos deles? E de certeza que vamos ter missionários nesta situação. Mas, pelos relatos do P. Bessieux, que há uns quinze dias está aqui conosco, vejo que o futuro da Guiné se desenvolve cada vez mais. Indica-me vários sítios onde seria preciso fazer novas fundações; se começássemos de imediato a Missão dos Cafres, isso poderia dividir demasiado as forças. Além disso, temo emprender uma missão sob a jurisdição dum bispo estrangeiro; os nossos pobres confrades da Austrália sofreram demasiado, o que nos obriga a não nos precipitarmos nestas circunstâncias. É necessário colher informações exatas, e em seguida, tomar muitas precauções e medidas acertadas para evitar que as coisas corram mal.

D. Truffet partiu com quatro missionários padres e mais dois para o ensino nas escolas e nas catequeses. Antes da sua partida estabelecemos um acordo sobre as relações dos missionários com ele, com o superior eclesiástico. Acertámos vários pontos que pusemos por escrito e que ambos assinámos. Enviá-los-ei a si também, juntamente com o memorando que apresentei o ano passado a Roma, e acrescentarei algumas explicações. Não vale a pena mandá-lo já. Enviarei tudo pelo P. Blanpin. Nessa altura dar-lhe-ei também notícias nossas.

Congregação do Espírito Santo

Ultimamente enviei-lhe, pelo Ministério, um pacote de cartas dos nossos missionários. Recebi os seus dois bilhetes. Gostaria muito de comprar várias coisas que me pediu, mas o ano foi tão mau, tudo está tão caro que nem sei como aguentámos até agora! Desde Outubro passado, gastámos mais de 30.000 francos, só em alimentação, sustento dos missionários, compra e reparação de um pouco de roupa e de mobiliário, e as necessárias reparações da casa. A isso acresce que temos menos 3.000 francos de rendimentos, por causa de nossas compras e construções.

Há já algum tempo que me andava a esquecer de lhe falar do Espírito Santo. As coisas parece que vão um pouco melhor nessa casa. No entanto, o seu futuro ainda é incerto. Essa Comunidade só poderá subsistir se continuar encarregada das colónias; ora, isso ainda é problemático. Ouvi o Diretor das Colónias a pô-lo em dúvida. Por outro lado, foi-me dito confidencialmente que os lazaristas devem vir a ser os encarregados desse difícil trabalho; é que é mesmo uma autêntica estopada este encargo das colónias. Vendo os lazaristas encarregados das colónias, não sei se me deva alegrar ou afligir. Por um lado, seria bom, muito bom mesmo na medida em que haveria em cada colónia uma comunidade devotada especialmente aos nossos pobres negros; além disso, o seminário deles para o clero secular inspiraria mais confiança aos eclesiásticos bons. Mas, por outro lado, os lazaristas são mais poderosos que os Padres do Espírito Santo, e fazendo causa comum com o Governo e sendo por este apoiados, a Santa Sé deixaria de ter qualquer poder sobre o clero. Havendo bispos titulares, este inconveniente desaparece; até talvez mesmo no caso de se optar por vigários apostólicos.

O Diretor da Colónias disse-me que o embaixador de França em Roma estava ativamente envolvido em negociações para chegar a um entendimento sobre o clero colonial. Vamos ver que respostas me vão dar ao pedido de vencimentos que dirigi ao Ministro para mais três missionários para a ilha Bourbon. Se esta resposta for negativa, é a prova de que o assunto com os lazaristas está bem avançado; se for afirmativa, poderemos pensar ou que a negociação com os lazaristas falhou, ou que contam deixar-nos em Bourbon, na suposição de que faremos qualquer entendimento com estes Padres; porque é provável que, com tantas outras missões, os lazaristas não tenham gente que chegue para todas as colónias. De resto, penso que a Propagação da Fé arranjará maneira de ter uma autoridade forte nas colónias, e jamais consentirá que o Superior Geral dos lazaristas tenha poder sobre o clero colonial. Disseram-

Antologia Espiritana

me formalmente que não se consentirá que o superior duma comunidade tenha poder sobre o clero colonial, além de que há uma certa desconfiança em Roma contra os lazaristas franceses; os seus chefes têm fama de ser galicanos e demasiado ligados ao Governo...

Adeus, caríssimo confrade. Espero que daqui em diante a paz se mantenha sempre em sua alma. Abandone-se a Jesus e a Maria para tudo o que lhe possa acontecer.

Todo seu na caridade de Jesus e de Maria.

Escreverei aos nossos caros confrades pelo P. Blanpin que, penso, não tardará em partir.

Abraço-os de todo o coração. Gostaria muito de ter informações detalhadas da ilha Maurícia.

Libermann,
padre do Sagrado Coração de Maria